

“LE CHERCHEUR D’OR” OU A ATUALIZAÇÃO DOS MITOS

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha
Universidade Federal de Uberlândia

É este trabalho, sem fim, mas feliz, de construção de uma vida como uma obra de arte feita de materiais díspares, que melhor define o Sujeito.¹

O rigor, a clareza e a profundidade dessa afirmação de Alain Touraine justificam a empreitada dessa pesquisa que, ao pretender analisar *Le Chercheur d’or* – obra de J.M.G. Le Clézio, um dos mais prolixos escritores franceses da atualidade – propõe, em verdade, reconhecer e compartilhar pela escritura literária, o nascimento de uma obra de arte realizada a partir da junção de tecidos diversos, cujas tramas se harmonizam em um exercício constante de reconstruir um Sujeito fragmentado e constringido por uma experiência de vida dualista e superficializante.

Platão já anunciava, por meio da sua teoria das idéias, pressupostos estéticos que delegavam à arte um poder de materializar uma reflexão sobre a Verdade, mostrando que o artista, instrumentalizado pela sensibilidade e imaginação, concretiza nas suas produções, a exteriorização de uma transcendência ou de realidades idealizadas, que representam manifestações dessa realidade última experimentada no âmbito da essencialidade, da originalidade, do Absoluto.

Reduzindo, por imposições operacionais, o limite dessas manifestações artísticas ao ato literário, pode-se inferir que o texto literário, alicerçado pelo discurso narrativo, se desdobra em um metatexto, portador de um sentido e de um estado paralelo que representam, em última análise, uma grande e simbólica metáfora, na qual o prazer estético da leitura legitima um percurso investigativo de realidades e constitutivo de parcela dessa verdade ontológica antecipada por Platão.

Se, por um lado, a obra literária se apresenta ao mundo para ser, para oferecer uma convivência com o essencial, com as interrogações que o conhecimento e a consciência presentificam nas diferentes visões de mundo, ela pressupõe, em conseqüência, a coexistência de realidades distintas, no esforço de equilibrar o real prático a partir de representações, de imagens, de discursos, pessoais ou coletivos.

Assim, compreende-se porque inúmeros temas literários passam a ter valor mítico. Uma vez que, ao recuperarem experiências e imagens simbólicas reconhecidas coletivamente e instauradoras de uma verdade, tornam-se atuais e são valorizados pelo próprio fascínio da expressão e conteúdo herdados pela história do homem e do mundo.²

Por outro lado, deve-se observar que o mito, dentre suas muitas definições poderia ser entendido, genericamente e sem a moderna redução aos clichês, como “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, um tema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende-se a organizar-se em narrativa”³ o que, por extensão endossa a

⁽¹⁾ TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, p. 263.

Obs: As indicações bibliográficas completas serão fornecidas na Bibliografia Geral.

⁽²⁾ A esse respeito a providencial obra de Meletinski, *os arquétipos literários*, apresenta, amplamente, esse tema e seu desenvolvimento nas produções literárias.

⁽³⁾ DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l’imaginaire*. p. 64

intenção de, nesse estudo, observar a narrativa de Le Clézio como uma proposta de sistematização de alguns arquétipos da civilização ocidental, em vista da configuração de uma estrutura dinâmica – afetiva, mental e até existencial – combinando personagens e situações de acordo com uma dialética que realça a necessidade de apaziguamento das ambigüidades vivenciadas pelo homem moderno e o conseqüente apego a uma utopia (mítica pelo caráter de resgate valorativo que essa encerra!), perseguida dolorosamente.

Le Chercheur d'or apresenta a saga de um narrador Alexis, filho de uma índiana e um inglês, irmão de Laure, nascido e criado na ilha Maurício, onde o pai era proprietário de plantações de cana-de-açúcar. Alexis e Laure – educados inicialmente por uma professora particular e, em seguida, por dificuldades financeiras, pela mãe – vivem, nesse ambiente acolhedor e, ao mesmo tempo, primitivo e misterioso, espaço original. “A la surface du bassin courent les moustiques, les araignées d'eau, et le long des parois tressautent les larves. J'entends le bruit doux des oiseaux du soir. Je sens l'odeur de la fumée qui descend sur le jardin, comme si elle annonçait la nuit qui commence dans les ravins de Mananava ⁴. Puis je vais jusqu'à l'arbre de Laure, au bout du jardin, le grand arbre chalta du bien et du mal. Tout ce que je sens, tout ce que je vois alors me semble éternel.” ⁵

Esse espaço adâmico onde “nous ne voyons personne, au temps du Boucan. Nous sommes devenus, Laure et moi de véritables sauvages... est-ce que nous savons que nous jouissons d'une telle liberté? Mais nous ne connaissons pas même le sens de ce mot. Nous ne quittons pas l'enfoncement du Boucan, ce domaine imaginaire limité par les deux rivières, par les montagnes et par la mer” propicia a Alexis e Laure o desenvolvimento de uma relação original e primitiva com o mundo circundante, favorecendo uma leitura perceptiva, aguçada pela sensibilidade, pela imaginação e desprovida de contingências externas e sociais.

Entretanto, nesse mesmo espaço Alexis toma conhecimento não só da falência do pai, da iminente mudança de toda família para Forest Side, abandonando o mágico lugar mas, também, do segredo do ouro do corsário – tesouro presumivelmente escondido na ilha Rodrigues e que o pai acreditava poder recuperar a partir da leitura e compreensão (enigmática quase!) de cartas e mapas atribuídos ao corsário – representando assim uma transição, uma nova etapa, iniciática, na qual o narrador se vê construindo o louco sonho de reencontrar o ouro do corsário, ao mesmo tempo que amadurece e se interioriza na convivência com um mundo da realidade cotidiana, miserável e opressiva.

A decisão de viajar para Rodrigues representa uma nova etapa ritualística para a concretização do sonho herdado por Alexis: “Je partirais sur le *Zeta*. Ce serait mon navire *Argo* ⁶, celui que me conduirait à travers la mer jusqu'au lieu dont j'avais rêvé, à Rodrigues. Pour ma

(⁴) Região próxima à casa de Alexis, que abrigava uma casta de párias indianas e, por suas características tropicais, pelo sectarismo que mantinha, representava para o narrador uma atração, uma curiosidade e um mistério quase insondável.

(⁶) LE CLÉZIO, J.M.G. *Le Chercheur d'or*.1985, Paris, Gallimard. p. 23. Obs: Para facilitar as inúmeras referências a essa obra, utilizar-se-á nesse trabalho, e salvo indicação contrária, a abreviatura L.C.O seguida do nº de página.

(⁶) Referência explícita à mitologia grega na qual *Argo* é uma nau mitológica, comandada por Jasão e tripulada por heróis; tinha como objetivo transportá-los durante a busca do velocino de ouro. Em diversos momentos, o narrador desenvolve esse tema retornando à função e à condição da viagem empreendida pela nave original, como por exemplo: “... le navire *Zeta*, comme *Argo* continue éternellement à glisser sur la mer légère, si près du ciel, avec sa voile éblouie de idéal, pareille à une flamme contre l'horizon déjà dans la nuit.” (L.C.O, p. 139).

quête d'un trésor sans fin".⁷ configurando, assim, uma busca confiante e uma substituição de áridas realidades para uma outra, regida por um princípio de felicidade situado na capacidade de vencer desafios – existenciais, físicos e afetivos – alicerçados em uma nova identidade conferida pela substância e referência do ouro do corsário.

Ao desenrolar da viagem, desenvolve-se uma grande camaradagem com o passageiro e os tripulantes, sobretudo o comandante que, pretendendo tê-lo como contramestre, apresenta-lhe situações e lugares inesperados – entretanto reais – que poderiam substituir o objetivo sonhado por uma situação concreta, duradoura e também atraente.

No entanto, tal provação sedutora não alicia o herói que, se mantendo inabalável, chega a Rodrigues, após inúmeras peripécias (exercícios de um aprendizado interior e sensível!), aí definindo-se pela vertigem, pela indissociabilidade do sonho e da realidade – "... ma vie est déjà semblable à ces rêves où le désir et sa réalisation ne font qu'un."⁸ - como um Robinson Crusóé⁹, que tenta trabalhar sua solidão em vista da manutenção de marcas de realidade organizativas de seu espaço e objetivo primeiro.

Em Rodrigues, Alexis vive aproximadamente cinco anos, amalhando pequenas descobertas que acredita serem sinais reveladores de uma leitura correta dos mapas recebidos do pai, sem no entanto, vislumbrar nenhuma situação concreta que amenize a busca quimérica e desesperada: "Je suis ivre, je crois, ivre de solitude, ivre de silence, et c'est pour cela que je fais éclater les pierres, et que le parle seul, que je dis: Ici! Ici! ... Là! Encore, là! ..."¹⁰.

Somente o amor silencioso da jovem "manaf" Ouma¹¹ arranca Alexis da solidão mas, entretanto, não é suficiente para prendê-lo a Rodrigues. Apesar da dor do abandono e da insegurança em deixar a ilha – "J'ai envie tout à coup de m'enfuir, de retourner dans ma vallée... disparaître sans laisser de traces dans le monde d'Ouma"¹² - o narrador parte para a guerra, empreendendo uma nova aventura, oposta no sentido de reinserção social e histórica, passível de restituir uma unidade ainda não conhecida.

A experiência da guerra, da perda, desenha uma nova realidade dolorosamente fragmentada, na qual o "... le monde semble vide d'hommes et de bêtes, pareil à un haut plateau perdu dans une région que la vie aurait abandonnée à tout jamais. L'impression de mort que je ressens est telle que je ne peux la supporter."¹³ e a vida passa a ser contabilizada como exercício de sobrevivência subterrâneo, humilhante e, em certos momentos até desnecessário. "Se peut-il que je sois le seul survivant, échappé au massacre par la grâce des poux?"¹⁴

⁽⁷⁾ L.C.O., p.119

⁽⁸⁾ Interessante observar que os relatos definidos cronologicamente são raros e representam muito mais as marcas dos deslocamentos espaciais que reforçam etapas desse processo iniciático e ritualístico pelo qual passa Alexis. Em outros momentos da narrativa, o tempo é suspenso em favor de uma vivência interior não delimitável por balizas convencionais reguladoras dessa experiência. L.C.O. p.189

⁽⁹⁾ L.C.O., p.193

⁽¹⁰⁾ A alusão a Robison Crusóé é do próprio narrador que, em diferentes momentos, aproxima as duas experiências. Cf. por exemplo L.C.O., p. 198

⁽¹¹⁾ L.C.O., p. 251

⁽¹²⁾ Casta de párias indianos que viviam quase nômades aliados da sociedade em busca de um lugar e de uma identidade. Ouma estudou em um convento na França, teve uma educação aos moldes ocidentais mas, com a morte da mãe, retomou sua vida e identidade sempre provisórias para acompanhar um irmão que se acreditava ser o escolhido, encarnação de um ser supremo.

Observa-se que, na mitologia indiana, a esposa de Xiva, sob a forma de Umâ, a Graciosa, pratica o mais rigoroso ascetismo: permanece nos cumes gelados do Himalaia, procurando atrair a atenção de Xiva.

Cf: SPALDING (1991:91)

⁽¹³⁾ L.C.O. p. 264

⁽¹⁴⁾ L.C.O. p. 285

Finda essa etapa – outro rito de passagem impõe-se para o estabelecimento de um novo (ou renovado!) homem – Alexis retorna a Forest Side, reencontra Laure, assiste à morte de sua mãe e experimenta um mal-estar permanente nessa vida estrangeira, que não lhe diz respeito nem preenche o sentido pleno de uma harmonia: “ Chaque jour grandit en moi le désir de retourner à Rodrigues, de retrouver le silence et la paix de cette vallée, le ciel, les nuages, la mer qui n’appartiennent à personne. Je veux fuir les gens du “grand monde”, la méchanceté, l’hypocrisie.”¹⁵

A dolorosa ambigüidade, a ausência de sentido pleno levam o personagem-narrador a decidir, novamente, abandonar a segurança da civilização, retornando a Rodrigues. Lá, face a uma terra devastada pela fome, miséria e abandono mas que guarda ainda a solidão primitiva da natureza imaculada “... j’aime cette lumière dans le ravin, cette solitude. J’aime aussi le ciel si bleu, la forme des montagnes au-dessus de la vallée. C’est peut-être à cause de cela que je suis revenu”¹⁶ Alexis se dá conta que o verdadeiro segredo do ouro não está no mapa do corsário mas sim em Ouma, na relação pura e essencial com o outro que representa, em última instância, a verdadeira identidade consolidada a partir da compreensão da alteridade e do conseqüente despojamento das máscaras: “J’ai besoin d’elle, c’est elle qui detient les clefs du secret du Chercheur d’or”¹⁷.

Entretanto, mais uma vez Alexis lida com a perda e a ausência: sem reencontrar Ouma, sem conseguir se situar no vazio de um sentido pleno, o personagem-narrador empreende a última viagem, retornando a Mananava – “l’endroit le plus mystérieux du monde.”¹⁸, lugar de sua infância, onde “tout est silencieux, arrêté, le temps sur terre est celui de l’univers”.¹⁹ É em Mananava, enfim, que Alexis, mesmo só, sem Ouma, pode dizer: “J’ai trouvé au lieu du trésor,”²⁰ lá onde a árvore chalta do bem e do mal²¹ prospera, anunciando e demarcando a entrada nesse lugar adâmico, disponível somente para aqueles que detêm o conhecimento, possibilidade de salvação aliás, cristalizada por uma possível leitura dessa narrativa que parafraseia, por uma longa e simbólica metáfora, o esquema triádico cristão da Gênese: felicidade, infelicidade e salvação.

Alexis, só, em Mananava, poderia, por um lado, recuperar a imagem do Adão andrógino, reatualização de um episódio mítico relacionado com as origens da vida, cujo relato edênico, supõe uma intenção de estabelecer relações do homem com Deus ou com um Ser Supremo, na tentativa, talvez, de repetir (e apaziguar!) o drama sempre renovado do sonho ideal: um mundo antes da culpa; um mundo da perfeição da essência e da pureza original.

Nesse sentido, Alexis poderia ainda ser compreendido como narrador-personagem de uma outra narrativa simbólica – conseqüente e/ou paralela - à medida que podem se completar para a configuração de uma verdade ontológica renovada – a do mito do eterno retorno; na verdade, expressão de uma crise profunda, a dramatização, no imaginário da ficção, de um debate com a vida, com as ambigüidades do mundo contemporâneo. Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal* relembra o “*circulus vitiosus deus*” – do qual a narrativa circular de *Le Chercheur d’or*, vivenciada por Alexis, é um modelo exemplar – como manifestação de alguma coisa da ordem do divino, não do religioso, lembrando que a vontade de Retorno é um ato de amor que salva a vida em seu mistério; salva a interrogação

(¹⁵) L.C.O. p. 307

(¹⁶) L.C.O. p. 315

(¹⁷) L.C.O. p. 327

(¹⁸) L.C.O. p. 372

(¹⁹) L.C.O. p. 366

(²⁰) O nome dessa árvore enunciado em diferentes momentos, retoma o título da obra de Nietzsche *Além do Bem e do Mal*, na qual o filósofo refere-se ao Eterno Retorno.

(²¹) L.C.O. p. 374

permanente da organização do cosmos, permitindo representar a coerência do caos sob a forma de um movimento circular, organizativo dos ciclos vitais, configurando ainda um testemunho esforçado para romper estruturas cristalizadas, sair da pressão metafísica e inaugurar um novo sentido de vida. O Eterno Retorno, ao anular a oposição tradicional entre vida e morte, o ser e o devir, abre caminho para uma nova perspectiva de vida, de imortalidade, calcada no renascimento desse novo homem, transformado em seu próprio deus.

Portanto, nas viagens – físicas e interiores – empreendidas pelo personagem de *Le Chercheur d'or*, nas palavras, nas escolhas, exprimem-se sentimentos e emoções simples ou, às vezes, complexos do homem ocidental: felicidade e infelicidade, alegria e tristeza; nostalgia da inocência e angústia da culpabilidade; enfim, o núcleo em si da existência que, em última análise, ratifica e eterniza o mito dos mitos.

Vale lembrar – e tentando um esboço de conclusão que alinhava as linhas mestras aqui sugeridas – *Le Chercheur d'or*, como exemplar de uma manifestação artística, não só reatualiza mitos dentro de um discurso moderno – exteriorização de um ato de condensação e transferência do caos sensível que transforma a nostalgia mítica em imagem – como também eterniza o postulado platônico que prevê, na obra de arte, uma reflexão materializadora da verdade humana, alicerçada pela sensibilidade e imaginação.

Essa narrativa, ao desenhar o percurso de Alexis, expõe, na verdade, a palavra como *medium* de ilusão utópica, uma vez que ao promover “a unificação de valores num todo harmônico”²² devolve ao homem moderno uma possibilidade de reintegração e de unidade imaginária, capaz de garantir, mesmo que idealmente (como propõe o mito e as utopias), a coerência significativa da existência e a síntese valorativa das aspirações mais essenciais ou originais.

Talvez por isso, Alain Touraine insista em ver, dentro da modernidade, uma humanização: “... ela é também reencanto do homem e cria uma distância crescente entre as diversas faces dele próprio, a sua individualidade, a sua capacidade de ser sujeito, o seu Eu-mesmo e o Si-mesmo, que os papéis sociais constroem do exterior. A passagem à modernidade ... conduz, pelo contrário, da adaptação ao mundo à construção de mundos novos, da razão que descobre as idéias eternas à ação que, racionalizando o mundo, liberta o sujeito e o recompõe”.²³

Assim, pode-se ver em *Le Chercheur d'or* uma experiência, longa e dolorosa, de ruptura com os arquétipos históricos e sociais cristalizados, na tentativa de fortalecer a unidade de um sujeito inserido na fragmentação do mundo moderno. A consolidação de uma consciência reflexiva, que reunifica razão e emoção, no esforço de garantir o indivíduo e suas necessidades pessoais, é, em última análise, um exercício de prioridades, de escolhas e de eleição, como fez Alexis. Enfim, o que escolher? A história, o mito, a utopia, o retorno? A resposta, provavelmente, não poderia ser outra: a cada um a sua história, o seu mito, a sua utopia e, sem dúvida, o seu retorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.
CHEVALIER, J. GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*, Paris, Ed. Robert Lafont, 1982.
CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*, São Paulo, Convívio, 1975.

⁽²²⁾ SZACKI, Jerzi. *As utopias ou a felicidade imaginada*, p. xxx

⁽²³⁾ TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, p. 273.

- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, 8^a ed. Paris, Bordas, 1969.
- DURAND, Will. *A filosofia de Platão ao seu alcance*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d.
- LE CLÉZIO, J.M.G. *Le Chercheur d'or*, Paris, Gallimard, 1985
- _____ *L'extase matérielle*, Paris, Gallimard, 1967.
- LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*, Coimbra, Almedina, 1980.
- LHOSTE, Pierre. *Conversations avec J.M.G. Le Clézio*, Paris, Mercure de France, 1971.
- LUCCIONI, Gennie et alli. *Atualidade do mito*, São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- MAROTIN, François. *Mondo et autres histoires de J.M.G. Le Clézio*, Paris, Gallimard, 1995.
- MELETÍNSKI, E.M. *Os arquétipos literários*, São Paulo, Ateliê, 1998.
- NIETZSCHE. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- SPALDING, Tassilo O. *Dicionário de mitologia*, São Paulo, Cultrix, 1991.
- SZACKI, Jerzi. *As utopias ou a felicidade imaginada*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.